

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ESTATUETA LUSITANA(?) DE BRONZE, DE ALFERRAR, SETÚBAL.

FERREIRA, O. da Veiga; SILVA, C. Tavares da

Ano: 1970 | Número: 80

Como citar este documento:

FERREIRA, O. da Veiga; SILVA, C. Tavares da, Estatueta lusitana(?) de bronze, de Alferrar, Setúbal. *Revista de Guimarães*, 80 (1-2) Jan.-Jun. 1970, p. 99-104.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Estatueta lusitana (?) de bronze, de Alferrar (Setúbal)

Por O. DA VEIGA FERREIRA
e C. TAVARES DA SILVA

I — *Introdução*

As indicações relativas ao local e pormenores do achado da estatueta, cujo estudo constitui o objectivo da presente nota, foram colhidas no manuscrito inédito da autoria do saudoso e ilustre arqueólogo António Inácio Marques da Costa, existente na Biblioteca Municipal de Setúbal, que é a continuação de um trabalho que aquele investigador vinha então publicando n-*O Arch. Português*.

Não sabemos, se pela morte de Marques da Costa em 1933, se pela interrupção da saída daquela revista cujo vol. XXX tem a data de 1938 e só em 1956 veio a lume, o artigo inédito não foi publicado (1). Tenciona, pois, um de nós (C. T. S.) publicar essa parte inédita do referido texto. Porém, visto o interesse da estatueta de Alferrar, dámo-la desde já a conhecer.

A estatueta encontra-se, actualmente, na Sala de Arqueologia do Museu da Cidade de Setúbal, tendo anteriormente pertencido às colecções de Arronches Junqueiro expostas durante alguns anos numa sala da Biblioteca Municipal.

II — *Meio arqueológico*

A estação arqueológica de Alferrar, situada no sítio do mesmo nome, a cerca de 2 quilómetros de Setúbal no sopé da serra dos Gaiteiros, tem fornecido nítidos

(1) O último artigo de Marques da Costa publicado n-*O Arch. Port.* saiu no vol. XXIX, que veio a lume em 1933.

vestígios de ocupação romana, alguns materiais de origem árabe e um machado pré-histórico de pedra polida. Os seus limites encontram-se mal definidos. A área abrangida pelos vestígios romanos é relativamente vasta (mais de 1 quilómetro quadrado, segundo A. I. Marques da Costa), englobando vários lugares como Arca de Água, S. Romão, etc.

Embora não tenha sido ainda objecto de qualquer escavação, diversos autores se lhe têm referido (1), assinalando o achado de vários materiais: tijolos, *tegulae*, *imbrices*, *opus signinum*, um fuste de coluna de mármore, cano de barro, *molae manuariae*, fundos de ânforas, fragmentos de louça comum, *terra sigillata*, 3 fragmentos de lucerna, um fragmento de recipiente de vidro — *unguentarium*, um arco de fíbula de bronze do séc. iv A. D., moedas — pequenos e médios bronzes — de Maximiano I, Júlio Filipe, Cláudio II, Constantino e Teodósio, e restos de edifícios romanos.

III — *Local do achado e sua interpretação, segundo Marques da Costa*

No capítulo I da 2.^a parte («Estações romanas ao Norte do Estuário do Sado»), parágrafo 2.^o («Povoação romana de Alferrar»), a páginas 269 e seguintes do referido manuscrito inédito, lê-se o seguinte: «No sopé dessa colina ou morro [no cume do qual, segundo a tradição, esteve

(1) A. I. Marques da Costa, «Antiguidades dos arredores de Setúbal. Povoação romana de Alferrar», *O Archeologo Português*, vol. II, Lisboa, 1895.

— Idem, «Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal» *O Archeologo Português*, vol. VIII, Lisboa, 1903.

— Idem, «Setúbal antiga. Localização de Cetóbriga», *Revista Cetóbriga*, ano I, n.º 4, Setúbal, 1926.

— Arronches Junqueiro, «Antiguidades dos arredores de Setúbal», *O Archeologo Português*, vol. VII, Lisboa, 1902.

— J. Leite de Vasconcelos, «Coisas Velhas», *O Archeologo Português*, vol. XXII, Lisboa 1917.

— Idem, «Coisas Velhas», *O Archeologo Português*, vol. XXIV, Lisboa, 1919-1920.

— Carlos Tavares da Silva e Mateus Gonçalves Cabrita, «Estações romanas da região de Setúbal», *Revista Cetóbriga*, n.ºs 1 e 2, Setúbal, 1964.

primeiro uma capela dedicada a S. Romão e que foi substituída pela ermida (...) hoje convertida em pobre casa de habitação] e no leito da estrada em construção, antes de subir à Arca de Água, ladeia pelo lado sul o dito morro, encontrou, em 1919, um pescador de Setúbal, uma estatueta de bronze (...) figurando um homem nú e armado de capacete.

«Esta estatueta (...) pela sua imperfeição, é semelhante a outras mitradas que existem: uma no Museu Arqueológico Municipal da Vila de Alcácer (1) e, quatro no museu anexo à Biblioteca Nacional de Évora (2). Todas estas figurinhas mitradas são nuas e priápicas, tendo apenas a cabeça coberta com a mitra; todas têm os braços levantados e as mãos à altura da cabeça na atitude de oração (...).

«Todas estas figurinhas, pela imperfeição do fabrico e pela nudez, achadas em Portugal, têm semelhantes em uma multidão delas achadas no Santuário Ibérico de Castellar de Santisteban [vide Raymond Lantier, «El Santuario Ibérico de Castellar de Santisteban»].

«Algumas destas estatuetas estão cobertas com mitra, e muitas nuas, como as de Portugal, mas nenhuma é armada com um casco de capacete com alta cimeira e cobre-nuca, como a achada em Alferrar.

«O Sr. Raymond Lantier é de opinião que as figurinhas de Castellar são imagens impessoais de devotos que vieram sucessivamente exercer o seu voto perante o seu deus e que, para que este o não esquecesse, deixaram à sua vista uma estatueta maior ou menor, mais ou menos bem feita, segundo os seus fracos meios.

«A estatueta de Alferrar difere das outras portuguesas a que nos referimos e das de Castellar um tanto na forma de separação dos braços do tronco e em estar armada de capacete com alta cimeira e cobre-nuca como usavam os antigos lusitanos.

(1) A da colecção do Museu de Alcácer desapareceu. Eis ao que estão sujeitos os museus mal instalados e sem conservadores ou directores.

(2) Não as vimos expostas na última visita que ali fizemos em 1969.

«A imperfeição desta estatueta, bem como a da achada em Alcácer, explica-se de maneira idêntica à que o Sr. Raymond Lantier apresenta para explicar a rudeza com que foram feitas as de Castellar: São uma manifestação local de arte popular, apropriada ao gosto de gente pobre e de rudes montanheses que frequentavam o santuário.

«É a mesma imperfeição de arte que actualmente se nota nas imagens e nos ex-votos de algumas igrejas das nossas aldeias».

IV — *Descrição da estatueta*

A figurinha de Alferrar apresenta nudez integral e é um produto artístico tosco e mal proporcionado. A cabeça, grande, com face meio arredondada, assenta, quase sem pescoço, nuns largos ombros. O peito é amplo, atarracado e os braços roliços e grossos. Do peito às virilhas vai uma altura grande, que desproporciona muito a figura. As pernas, curtas, grossas e atarracadas são bem uma característica desta espécie de bronzes. O sexo masculino está marcado. Na face vêem-se nitidamente os olhos, o nariz e a boca, mas a arte que os define é rude e primitiva. As orelhas também estão esculpidas, mas muito mal esboçadas. A única peça de indumentária desta pequena estatueta é um capacete, com cimeira e cobre-nuca, que lembra os capacetes céltico-lusitanos feitos de coiro endurecido pelo fogo.

As medidas são as seguintes:

Altura total — 102 mm

Altura da cabeça desde a base do pescoço —
28 mm

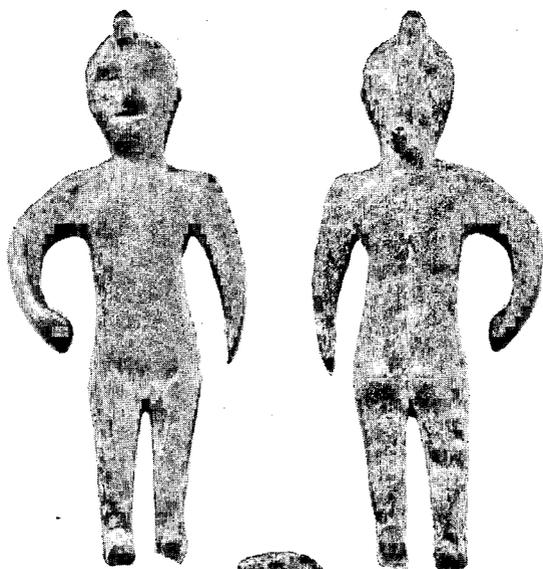
Comprimento das pernas — 35 mm

Comprimento dos braços — 35 mm

Altura do tronco — 40 mm

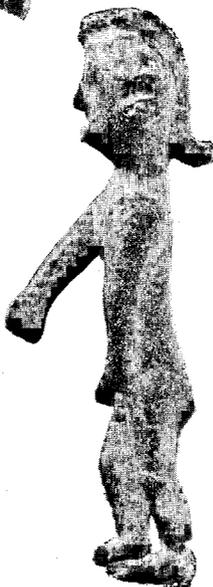
Comprimento do nariz — 7 mm

A figura está em atitude de marcha.



1

2



3

Três aspectos da estatueta de bronze

V — *Considerações sobre a estatueta*

Pelo seu aspecto e confecção seríamos tentados a comparar a estatueta de Alferrar com os ex-votos ibéricos. Porém, consultando Álvarez Ossorio (1) verificamos que não existe nenhum que se assemelhe ao de Alferrar.

Também numa obra recentemente aparecida nas livrarias (2), onde se faz uma sistematização destas figurinhas de ex-votos, não encontramos nada semelhante. Com paralelos portugueses apenas conhecemos um ex-voto numa colecção particular pertencente ao Engenheiro Pargana e, segundo dizem, encontrado em Fronteira (Alentejo). Também este nada se assemelha ao ex-voto de Alferrar. Do de Alcácer e dos de Évora, citados por Marques da Costa, nada podemos acrescentar pois não os conseguimos ver.

A nossa opinião sobre a estatueta de Alferrar é que deve ser um ex-voto lusitano oferecido por qualquer peregrino a um santuário. Bem sabemos que não são conhecidos, bem determinados, santuários lusitanos onde se tenham encontrado ex-votos deste tipo, ao contrário do que sucede em Espanha, em especial nos santuários de Despeña Perros e no de Castellar de Santisteban; mas o monte de S. Romão, na base do qual apareceu a estatueta, podia muito bem ter sido, na época lusitana, um santuário. A nossa ideia de a considerar como um ex-voto lusitano, e não ibérico, baseia-se na circunstância de muita cerâmica pintada, considerada até agora como ibérica, dever ser, segundo o Prof. Miguel Tarradell, lusitana, em especial a cerâmica pintada com bandas onde entram o preto, o branco e o vermelho (3).

Seja como for, a estatueta de Alferrar constitui uma raridade e por isso a damos a conhecer, sem demora, para informação dos investigadores que se consagram ao estudo da nossa Proto-história.

(1) Álvarez Ossorio, «Catálogo de los ex-votos de bronce ibéricos», *Museu Arqueológico Nacional*, Texto e Atlas, Madrid, 1941.

(2) Gérard Nicolini, «Les bronzes figurés des sanctuaires ibériques», *Presses Universitaires de France*, Paris, 1969.

(3) Um dos signatários (V. F.) prepara, de colaboração com D. Fernando de Almeida, uma nota sobre este tipo de cerâmica de bandas.